



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

GABRIELLE PEREIRA DA CONCEIÇÃO

**“IRMÃO DE ALMA”: A QUESTÃO TRAUMÁTICA DE SOLDADOS DA
PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NA OBRA DE DAVID DIOP**

BRASÍLIA-DF

2023

Gabrielle Pereira da Conceição

**“IRMÃO DE ALMA”: A QUESTÃO TRAUMÁTICA DE SOLDADOS
SENEGALESES DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NA OBRA DE
DAVID DIOP**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no Departamento de História da UnB como requisito básico para a conclusão do curso de História.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho

BRASÍLIA-DF

2023

Gabrielle Pereira da Conceição

**“IRMÃO DE ALMA”: A QUESTÃO TRAUMÁTICA DE SOLDADOS
SENEGALESES DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NA OBRA DE
DAVID DIOP**

Trabalho de conclusão de curso submetido à comissão examinadora abaixo identificada, como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em História da Universidade de Brasília (UnB).

Brasília-DF, 14 de julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho (UnB)

Prof. Dr. Daniel Gomes de Carvalho (UnB)

Profa. Dra. Mariléa de Almeida (UnB)

Prof. Dr. Mateus Gamba Torres (UnB-suplente)

Agradecimentos

Agradeço a minha mãe, Eliana, a qual é minha maior fonte de inspiração enquanto pessoa e profissional da educação. Sou grata aos meus dois irmãos e ao meu pai por acreditarem e me apoiarem. Dionilton, por estar ao meu lado nos momentos mais difíceis, sem você seria tudo mais difícil, obrigada por ser tão companheiro e acreditar em mim mesmo quando eu mesma desacreditei. Agradeço aos meus docentes do departamento de História. Aos meus professores e professoras da educação básica da rede pública de ensino que fizeram o sonho de entrar na UnB se tornar realidade. E, por fim, ao meu orientador, Bruno, obrigada pelo seu enorme senso de humanidade, por todo apoio e paciência nesses meses.

Resumo: O referido artigo tem por objetivo analisar o romance *Irmão de Alma*, do escritor franco-senegalês David Diop. O autor escreve o romance a partir de uma lacuna em sua história familiar, o bisavô senegalês que foi a guerra e não deixou rastros de sua experiência. A partir da construção traumática dos personagens, busco compreender os elementos estruturantes desta representação do passado da Primeira Guerra Mundial, em grande parte pouco conhecida no meio social senegalês e na historiografia do conflito. Para isso, visio identificar as estratégias literárias que fornecem uma fonte para pensar questões relativas à memória, representação, identidade e o papel da literatura para engessar um sentido histórico para narrativas esquecidas.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial, trauma, literatura, Senegal.

Abstract: This paper aims to analyze the novel *Irmão de Alma*, by the Franco-Senegales writer David Diop. The author writes the novel from a gap in his family history, the Senegalese great-grandfather who went to war and left no trace of his experimentation. My goal is to understand, from the traumatic construction of the characters, the representation of the past of the First World War, which is still latent in memory. I plan that by identifying the literary devices that provide a source for thinking about issues related to memory, representation, identity; and the role of literature in engendering historical meaning for forgotten narratives.

Keywords: First war, Trauma, literature, Senegal.

“IRMÃO DE ALMA”: A QUESTÃO TRAUMÁTICA DE SOLDADOS SENEGALESES DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NA OBRA DE DAVID DIOP

Gabrielle Pereira da Conceição¹

Caminhei por muito tempo nas fendas, carregando em meus braços Mademba pesado como uma criança adormecida. Alvo ignorado dos inimigos, estava coberto pela luz da lua cheia e cheguei ao buraco escancarado da nossa trincheira (...) o lado de dentro da terra estava do lado de fora, o lado de dentro do meu espírito estava de fora, e eu soube, entendi que podia pensar tudo que quisesse desde que os outros não soubessem de nada. (DIOP, David, 2018. p.13).

O fragmento acima é significativo para compreender a trajetória de dois jovens africanos senegaleses que vão ao *front* francês na Primeira Guerra Mundial a fim de lutar em uma guerra em nome da pátria imperialista. O romance fictício de David Diop, *Irmão de Alma*, fornecerá caminhos e direções para pensar a experimentação traumática de guerra de jovens africanos camponeses que vão lutar por uma guerra industrial, que os absorve e os dilacera. Com isso, espero destacar a importância da literatura na compreensão de traumas históricos.

Irmão de Alma traz, em sua estrutura, silenciamentos, assim como expõe a imposição de uma manipulação colonial ideológica que se traduz através das relações sociais no front entre africanos e europeus. Os olhares estereotipados e o exotismo compõem o imaginário europeu acerca do outro africano, desacreditado enquanto sujeito produtor de história, cultura e subalterno, e permeia toda a experimentação de guerra do narrador do livro. O domínio discursivo sobre “o outro” cria um “regime de verdade” no contexto da guerra sentido pelo do soldado Alfa, o protagonista de Diop, aquele que narra em primeira pessoa suas subjetividades para o leitor.

Neste trabalho, meu objetivo é compreender como David Diop constrói a questão da experiência traumática de soldados senegaleses no citado romance. Assim, espera-se entender a literatura enquanto um meio significativo para a denúncia de violências sentidas por tais soldados, e como uma mediadora que nos leva ao exercício de compreensão das realidades concretas do conflito e de seus efeitos. Tudo isso, em parte, nos é silenciado tanto na memória social quanto na historiografia.

¹ Graduanda do curso de licenciatura em História da Universidade de Brasília (UnB).

O trauma

Podemos dizer que o trauma é consequência de uma experimentação traumática. É ainda condição psicológica que permite o acesso a uma memória interminável, que o indivíduo não consegue lidar enquanto um evento isolado. O trauma é acessado repetidamente, de tal forma que afeta questões relativas à identidade e à percepção de si. Mas ele também pode desencadear o esquecimento total do ocorrido, como costuma pontuar a prática e a teoria psicanalítica.

Situações de extremo estresse, como o caso de uma guerra, situações violentas, choques culturais abruptos e acidentes, desgastes físicos e emocionais: tudo isso pode levar a um impacto psíquico quase irreversível gerando transtornos mentais e/ou comportamentais. Situações de extrema violência, como a tortura ou as trincheiras, são exemplos de extrema violência responsáveis por levar a pessoa a choques traumáticos danosos. Em geral, o trauma está inserido em situações humanas degradantes, aquelas diretamente ligadas aos transtornos traumáticos: desilusão, perdas dolorosas, vivência com corpos em putrefação, exposição a climas severos, ausência de descanso, fome, surtos e a perda de valores humanos.

Márcio Seligmann, em um conhecido ensaio sobre representação traumática, auxilia na compreensão de que a experimentação do trauma é inóspita e violenta, psicológica e material. O trauma retira o direito humano de “ser”, como o caso da guerra de trincheiras na Primeira Guerra Mundial².

Shell Shock: uma história pela metade

A Primeira Guerra Mundial foi um conflito que teve efeitos devastadores e exponenciais. Eles não se resumem a traumas físicos; são também psicológicos. A análise do trauma de guerra é fundamental, assim, para responder à questão da experiência traumática de soldados senegaleses no romance *Irmão de Alma*.

Taylor Downing aponta que o trauma do pós-guerra e as experiências traumáticas adquiriram contornos que promoveram uma devastação psíquica formada pela angústia, o pânico, o prejuízo cognitivo e o desamparo³. Antes de 1915, a questão traumática já vinha sendo analisada pela medicina e pela psicologia, mas o

² SILVA, Márcio Seligmann. **Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. Revista Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, V.20, N.1, P.65, 2008.

³ DOWNING, Taylor. *The Crisis of Shell Shock on the Somme, 1916*. Inglaterra: Little, Brown Book Group, 2016.

empreendimento de tecnologias de morte e a guerra imóvel das trincheiras era um fenômeno novo, que induziu diversos estudos no século XX. Homens incapazes de exercer respostas humanas instintivas, sintomas de extrema ansiedade, estresse e projéteis mais letais que conflitos anteriores levaram a um tipo específico de trauma: a neurose de guerra, que abrangia a exaustão, perda de concentração, pesadelos e depressão.

O *Shell Shock* - (“choque de bombardeiro”, em português) -, de acordo com Downing, foi um termo cunhado pelo psicólogo do exército militar britânico, Charles S. Myers, em fevereiro de 1915, que sugeriu que a causa da epidemia de transtornos mentais durante a guerra era resultado de uma concussão do cérebro pelos estouros próximos, e dos danos físicos causados ao sistema nervoso, o que causava uma comoção molecular cerebral. Myers criou o termo ao examinar soldados que ficaram presos por horas no front e que presenciaram estrondos, mortes e estados humanos deploráveis; não sofreram lesões físicas graves, mas apresentavam visão turva, choros, tremores, queimação nos olhos, demência e pânico.

O termo ‘*Shell Shock*’ se tornou sinônimo do trauma da Primeira Guerra Mundial na Europa pela sua ampla repercussão durante e após a guerra, e passou a ser usado para descrever o estado mental dos soldados dilacerados psicologicamente pelos danos da guerra. Sintomas como convulsões, amnésia, paralisia, delírios e pânico eram os mais comuns. Jay Winter aponta que o termo serviu de prisma para a história cultural da guerra⁴. Na perspectiva de Winter, a representação do trauma estava circunscrita a uma gama de fatores culturais britânicos já que o termo não foi consensual por toda a Europa. Na perspectiva inglesa, o termo foi criado a partir de particularidades culturais dos ingleses, pois estava ligado aos movimentos de veteranos de guerra na história política britânica, mas não seria equivocado assumir que pode ser a patologia encontrada em sociedades de outros países que também participaram do conflito.

Dessa forma, surgem diferentes termos na Europa para referir-se à condição de neurose de soldados. Paiva aponta que o *Kriegszitterer* - em português, “tremores de guerra” - era utilizado de forma mais pejorativa, como sinônimo de covardia ou fraqueza psicológica pré-existente, associado à histeria, que era uma denominação comumente utilizada ao se referir a mulheres⁵. Enquanto isso, na França, Downing

⁴ WINTER, JAY. *Shell-Shock and the Cultural History of the Great War*. Journal of Contemporary History, v. 35, n. 1, 2000.

⁵ CAMPREGHER, Isadora Paiva. **O Trauma da Primeira Guerra e a Construção de Masculinidades**

destaca que a condição psicológica foi relacionada a fatores patológicos, associado a uma tentativa de provar que a neurose não tinha a ver com a guerra⁶.

Isto posto, Winter destaca o trauma como uma “condição democrática” uma vez que pode afetar todos os tipos de pessoas e culturas. “A história do bombardeio, devidamente configurada, não é a história do corpo de oficiais, mas a história da própria guerra”⁷. Considerando o exposto, o *Shell Shock*, ou as variações para a experiência traumática na vida de soldados, apesar de ser parte da própria guerra, continua inserido em uma análise restrita à Europa, já que o próprio termo foi criado a partir de análises médicas de soldados britânicos, como elucidado por Winter e Downing em suas análises.

As particularidades do trauma de soldados europeus envolveram uma dimensão de fatores. Paulo Visentini elucida que o nacionalismo guiou o processo traumático, pois a ideologia trouxe uma esperança de que a guerra seria uma experiência recompensadora, afinal, a motivação de muitos jovens europeus era a expectativa de um futuro de heroísmo patriótico⁸. Em contrapartida, os testemunhos dos jovens expõem traumas, transtornos com perdas dolorosas advindas da guerra e a vivência insalubre das trincheiras. O futuro próspero nacionalista transformou-se em um choque psicológico coletivo. O trauma dos jovens soldados europeus transpassou a desilusão da ideologia do orgulho nacional, que retirou o direito de uma adolescência e juventude digna.

Em relação aos soldados de colônias africanas que lutaram na Primeira Guerra Mundial, as experiências traumáticas foram duplamente reprimidas já que o próprio inimigo era também, em muitos sentidos, os companheiros de guerra. Enquanto os soldados europeus foram guiados por uma causa nacional na luta contra um inimigo em comum, os soldados africanos lutariam contra os inimigos ao lado dos próprios inimigos, se considerarmos a lógica de exploração colonial à qual estavam expostos. O trauma das colônias poderia perpassar, desta forma, duas vertentes: o trauma do choque da guerra e a violência colonial dentro da guerra.

Seligmann fala de questões pontuais sobre a necessidade do testemunho para experiências traumáticas e o testemunho para além dos que vivenciaram ou estiveram

Hegemônicas no Cinema Alemão e Britânico de 1919 a 1933. Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

⁶ DOWNING, Taylor. *The Crisis of Shell Shock on the Somme, 1916*. Little, Brown Book Group, 2016.

⁷ WINTER, JAY. *Shell-Shock and the Cultural History of the Great War*. Journal of Contemporary History, v. 35, n. 1, 2000. pp.11.

⁸ VISENTINI, Paulo Fagundes. *A Primeira Guerra Mundial e o Declínio da Europa*. Rio de Janeiro: Alta Books Editora, 2014.

presentes em catástrofes históricas, como genocídios ou guerras⁹. A necessidade do testemunho e da escrita dos que não viveram também se torna necessário.

De acordo com Jorge Semprun, a pessoa que muitas vezes pode narrar melhor o trauma é quem nunca esteve lá ou entrou pelas portas da imaginação, o que nos ajuda a entender a importância das narrativas literárias e/ou historiográficas para entender fenômenos sociais¹⁰. O relato em primeira pessoa não é necessariamente mais verdadeiro. Semprun destaca ainda que, na literatura e nas artes, a voz de terceiros poderia ser mais bem acolhida e servir de testemunha para populações sobreviventes. O que não exclui, naturalmente, a necessidade e a importância dos testemunhos.

O trauma e a experiência traumática na historiografia

O *trauma studies*, surgido a partir da psicanálise nos anos 1990, tem se destacado na produção de trabalhos dedicados a análises psicológicas, retóricas, literárias e culturais do impacto do trauma na sociedade. Autores como Freud contribuíram para a sua constituição ao introduzirem a noção de trauma enquanto um desencadeador patológico¹¹.

A historiografia contemporânea, a partir de Marc Bloch em *A estranha derrota*, examinava, por sua vez, questões sobre o ofício do historiador que também podem nos ajudar a avançar no campo. Bloch aprofundou questões relativas à memória e já questionava a relação entre pesquisa histórica e testemunho, bem como a compreensão do passado a partir de indagações por meio de elementos narrativos de representação que envolve o passado. Esse entendimento foi essencial para a temática de trauma e testemunho, pois a linguagem consegue abordar e expressar angústias.

Todavia, o estudo sobre a questão traumática na historiografia aparece enquanto área estabelecida somente a partir do holocausto. No pós-guerra, a discussão sobre memória, traumas e testemunhos os tornam em campos e temas canônicos na área da História. Henry Russo define trauma, por exemplo, como um passado latente no presente, que perdura ao decorrer dos anos e com sua lembrança onipresente¹². O autor

⁹ SELIGMANN, Márcio Silva. **Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. Revista: Psic. Clin. Rio de Janeiro, VOL. 20, N.1, p. 65-82, 2008.

¹⁰. SELIGMANN, 2008, p.71 APUD SEMPRUN,1994.

¹¹ BRAGA, Sabrina Costa. **História e arte na elaboração do passado traumático**. Revista de teoria da história. UFG. 2021.

¹² RUSSO, Henry. *A memória traumática europeia*. In: FREDRIGO, Fabiana de Souza; GOMES, Ivan Lima. **História e Trauma: Linguagens e Usos no passado**. Vitória: Editora Mil fontes, 2020.

destaca o holocausto como o evento histórico fundador de uma memória traumática europeia.

Na perspectiva historiográfica, a experiência traumática está interligada pela história cultural, que dialoga com questões do testemunho e memória. Dominick La Capra é outro autor que contribui para pensar relações traumáticas ao se debruçar sobre o *trauma studies* da psicanálise pelo prisma historiográfico¹³. O autor define o trauma como uma experiência abaladora, que distorce a memória no sentido ordinário, relacionada a *flashbacks*, pesadelos, reações e comportamentos compulsivos. Fornecer testemunho seria, ao seu ver, a tentativa de lidar e verbalizar o trauma vivido.

La Capra integra alguns conceitos psicanalíticos para a relevância da análise histórica, inter-relacionando conceitos freudianos com análises literárias em Derrida, como a forma infamiliar do sublime. A perlaboração psíquica, utilizada para discutir superação de eventos traumáticos, é outra de suas contribuições. A sacralização do trauma e da experiência traumática está atrelada, segundo o autor, com a figuração do sublime, da regeneração ou do sagrado pelo investimento extremo na estética sublime, que impossibilita o papel de agente do testemunho. As vítimas da experiência traumática não devem ser, segundo esta lógica, meros sobreviventes do evento histórico, mas agentes sociais e políticos.

O historiador Henry Russo, por seu turno, traz o conceito de “memória negativa” para a análise do trauma em estudos historiográficos. Esse conceito empregado pela historiografia dialoga com a noção de um passado condenável ligado à questão traumática. Abarca ainda a transformação progressiva da memória patriótica em uma memória vitimista europeia. Ele foca em homenagear os que sofreram e culpabilizar alguém. A memória é aqui um sofrimento em comum e não um sacrifício nacional.

No conceito de memória positiva são lembrados os grandes feitos e os eventos de orgulho nacional, como a vitória sobre o nazismo. A memória negativa, conforme aponta Russo, é bastante evitada na Europa após a *Shoa*. É o passado vergonhoso e muitas vezes não é lembrado pela nação para negar reparos históricos. Já a memória negativa, defendida por Russo, é necessária para fugir do vitimismo do passado e responsabilizar a herança colonial, assim como a violência das guerras. O autor aponta

¹³ LA CAPRA, Dominick. *Traumatropismo: do trauma ao sublime pela via do testemunho?*. In: FREDRIGO, Fabiana de Souza; GOMES, Ivan Lima. **História e Trauma: Linguagens e Usos no passado**. Vitória: Editora Mil fontes, 2020.

que muitos países, em especial a França, ainda enfrentam resistências no reconhecimento da memória negativa, como no dia europeu da memória para homenagear vítimas de regimes totalitários. Em 2009, muitos países europeus opuseram-se ou o ignoraram.

Ademais, o diálogo com aspectos interdisciplinares de narrativas é fundamental. Amei ver para compreender as representações do trauma na história. Autores como La Capra, que utiliza expressões artísticas como objeto de interpretação do trauma, como no *Grito de Munch* (1893), o filme “*Shoa*”, do cineasta francês Claude Lanzmann, o Museu do Holocausto em Washington, *Guernica* de Picasso, dentre outras.

“Irmão de Alma” e seu autor

David Diop, romancista francês de ascendência senegalesa, nasceu no ano de 1966, em Paris, e foi criado na região de Dakar, capital do Senegal, uma das colônias da França até 1969, pertencente à antiga capital da África Ocidental Francesa (AOF). Diop lançou “*Frère d’âme*”, em 2018, na França, pela editora *Seuil*, e com ele venceu o prêmio Internacional *Booker Prize* em 2021, tornando-se primeiro francês a vencê-lo. Além disso, o escritor recebeu, em 2018, o prêmio *Goncourt des Lycéens*, prestigioso prêmio de literatura em diversas partes do mundo — França, Sérvia, Argélia, Eslovênia, Tunísia, Espanha, Bulgária, Polônia, Romênia, Bélgica, Suíça, Itália e Brasil.

Filho de mãe francesa e pai senegalês, Diop afirmou que suas motivações, ao escrever o romance, estiveram interligadas pelas suas sensibilidades culturais e uma motivação familiar, a saber, parentes do sudoeste da França que participaram da guerra, e sobretudo seu bisavô, que foi à guerra, e não havia contado o que viveu.

[...] Ele nunca contou para minha avó e minha mãe o que ele viveu, então, certamente havia traumas. Eu não conheci esse homem, mas minha mãe sempre falava dele “ele participou da guerra, mas nunca disse nada”, e ela dizia isso enquanto nós, a nossa família vivíamos no Senegal, então sempre fiquei muito interessado nesse episódio (...) me fazia perguntas de: será que este homem encontrou outros artilheiros senegaleses quando foi à guerra?¹⁴

Na mesma entrevista do fragmento acima, concedida pela embaixada da França, Diop fala que estudou cartas de soldados para escrever o romance. Além de utilizar uma

¹⁴Flip+ Embaixada da França: Encontro com David Diop (“Irmão de Alma”) e 2º Choix Goncourt du Brésil. Vídeo. 1h48min.08s.Publicado pelo canal Escritório do Livro & BiblioMaison. 4 de dez. de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QEG34ItYGAE&ab_channel=Escrit%C3%B3rioDoLivro%26BiblioMaison. Acesso em: 06/2023.

questão sensível na memória senegalesa, Diop apropria-se de elementos presentes nos documentos para escrever o romance. “(...) em 1998, eu li com muito interesse, porque sempre me interessei por essa história, cartas reunidas por um historiador e as li com muita avidez, porque elas me faziam imaginar o que esse bisavô meu tinha vivido”.

A ancestralidade de Diop une-se, desta forma, ao romance histórico, de forma geográfica e histórica, pois perpassa as duas pátrias latentes em sua vida, a França e o Senegal. A obra, ainda que ficcional, é parte indissociável de memórias afetivas de Diop frente a ambos os países e aos horrores da Primeira Guerra Mundial, que destroçou colossalmente corpos negros no front, africanos anônimos e ausentes das narrativas, como o seu próprio bisavô.

Irmão de Alma é um romance que entrelaça a hostilidade vivida por dois soldados senegaleses no front. O narrador do romance, Alfa Ndaye, é um jovem de vinte anos, soldado senegalês, que deixa sua cidade natal, Gandiol, e vai à guerra combater no front francês. Convencido a ir à guerra pelo seu “mais que irmão”, Mademba Diop, que foi engolido pela mentalidade nacionalista de ser reconhecido como cidadão francês e conseguir prestígio caso fosse lutar na guerra.

O ponto de partida do romance é a aflição e o tormento de Alfa em não conseguir tirar a vida de Mademba no momento em que ele se encontrava estripado e à beira da morte no front, suplicando pelo alívio da dor a seu companheiro de vida e de guerra. A tônica da narrativa é a dor do soldado Alfa em não ter matado seu irmão de alma, seu companheiro e minimizar o sofrimento dele. Ambos os soldados senegaleses, interligados desde a infância, compartilhavam afetos, os piores e os melhores momentos em meios àqueles dos “olhos azuis”.

Ele, Mademba, ainda não estava morto quando já tinha o lado de dentro do corpo do lado de fora. Enquanto os outros tinham se refugiado nas feridas abertas da terra que chamamos de trincheiras, permaneci perto de Mademba, deitado ao seu lado, minha mão direita em sua mão esquerda, olhando o céu azul frio cortado pelo metal (DIOP, 2018, p.8).

A morte traumática de Mademba causa um conflito interno em Alfa. O arrependimento e a culpa por não livrar seu amigo do sofrimento perpassam diversos momentos do romance, assim como o ápice de desprezo por si próprio. Alfa, nas noites que se seguiram após cessarem os combates, em uma tentativa de vingar a morte de seu amigo de infância, passa a sair de sua trincheira sorrateiramente para armar emboscadas

para os alemães. O soldado inimigo era emboscado, morto e suas mãos eram decepadas por Alfa Ndaye. Ele chama todos os inimigos como “olhos azuis – do lado de lá”

As chegadas noturnas de Alfa com as mãos alemãs, inimigos da França, à trincheira, se tornaram motivos de festejo e alegria para os franceses. Pelo menos no início, Alfa coleciona as mãos decepadas como troféus e é tido como o mais corajoso e selvagem dentre os selvagens. Após a quarta mão, contudo, Alfa deixa de ser um soldado destemido e aclamado, e se torna temido pelos franceses, torna-se, aos olhos dos companheiros, franceses e senegaleses, um selvagem ou esquisito.

A sétima mão se tornou símbolo do ápice da selvageria. Neste momento, Alfa é afastado do campo de batalha e levado ao sanatório francês devido ao seu comportamento desviante. As consultas com o médico no sanatório trazem uma retomada de si. O narrador passa a refletir sobre os momentos aterrorizantes vividos na trincheira, lembra-se de seu pai, de sua mãe, de seus irmãos, da vida pré-guerra. Mas relembra também os sentimentos mais aterrorizantes por que passou lá: os medos, os momentos de festejo com os franceses e os pensamentos suicidas constantes em sua mente.

Durante o período em que está no sanatório, Alfa relembra especialmente de sua vida em Gandiol: suas memórias de infância, seu primeiro amor adolescente, suas imaginações e seus anseios jovens. O protagonista tem *insights* sobre suas motivações de ter ido à guerra, que giravam em torno de ser (re)conhecido como cidadão francês e proporcionar melhores condições de vida a seu pai, Bassirou Coumba Ndaye. Dentre seus desejos pós-guerra, Alfa relata a vontade de encontrar sua mãe, Penndo Ba, que foi levada como escrava quando o mesmo tinha doze anos. “Badara e Penndo tinham sido raptados, os dois, logo após Mboyo, por uma dezena de cavaleiros Mouros, cujos rastros os aldeões perceberam sobre as margens do rio. Os Mouros do norte capturam negros para transformá-los em escravos”. (DIOP, 2018, p. 94).

Irmão de Alma, desde o seu lançamento, teve enorme repercussão ao redor do mundo. Vencedor do prêmio *Goncourt Brasil*, o romance foi traduzido no Brasil e publicado pela Editora *Nós* em 2020, com prefácio do escritor mineiro Edmilson de Almeida Pereira e tradução de Raquel Camargo. O romance franco-senegalês alcançou os mais diversos públicos. Um fato curioso que contribuiu para o alcance do livro foi sua aparição em uma lista de recomendação de livros do ex-presidente estadunidense

Barack Obama. Além de ganhar espaço em livros e revistas de crítica literária no Brasil, em jornais e clubes de leitura, o romance foi recebido com fervor pelos francófonos¹⁵.

O centenário

Entre 2014 e 2018, os olhares de boa parte da Europa, sobretudo da imprensa e dos políticos, estavam voltados para a Primeira Guerra Mundial. O centenário da “Grande Guerra” foi marcado por diversos atos de comemoração, publicações em revistas e livros acadêmicos, matérias e exposições pela Europa, e em diversas partes do mundo. Vários países relembram os soldados europeus anônimos que sentiram uma guerra devastadora, que marcou o início do século XX de forma catastrófica.

Milhares de vidas de jovens europeus foram marcadas pela violência e outras milhares de jovens africanos foram perdidas nesse conflito. Sobre estes últimos, pouco se fala ainda. Além de não terem conseguido a cidadania que lhes foi prometida pelos europeus, eles também não foram plenamente representados nos estudos acadêmicos e, estão ausentes da maioria das narrativas de comemorações do fim da guerra. Corpos inexistentes dos memoriais. Como aponta Eugénio Costa Almeida, a participação de africanos, incluindo soldados que lutaram no front e os que atuaram como carregadores, nas forças anglo-francesas somaram-se mais de 500.000 indivíduos. Entre estes, mais de 1.186.000 proveniente das colônias da França em Senegal, Tunísia, Argélia, Marrocos e Madagáscar¹⁶. E mais de 70.000 foram mortos em combate. Este é o caso dos *tirailleurs senegaleses*¹⁷, compostos por cerca 130 mil militares senegaleses, integrados ao corpo expedicionário da África Ocidental Francesa (AOF), criado desde 1857.

Irmão de Alma, publicado em meio às culturas comemorativas do centenário, em 2018, deve ser entendido, desta forma, ao menos em parte, como uma reação a essas comemorações europeias do centenário. O romance traz representações daqueles que foram esquecidos pelas potências europeias. A publicação do livro de Diop nos leva ao seguinte questionamento: qual seria o intuito do autor, francês de ascendência senegalesa, em publicar este romance histórico no ano das comemorações do centenário da primeira guerra?

¹⁵ CAMARGO, Raquel. **Traduzindo Irmão de Alma, de David Diop**. Caleidoscópio: literatura e tradução. Universidade de São Paulo. 2020.

¹⁶ ALMEIDA, Eugénio Costa. **A África-colonial e a I Guerra Mundial: A participação africana no conflito euro- mundial de 1914-1918**. Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). 2014.

¹⁷ Denominação utilizada pela potência francesa para se referir aos atiradores/fuzileiros africanos que compuseram a África Ocidental Francesa.

O autor afirmou, em entrevista recente realizada pela embaixada da França no Brasil, que sua motivação esteve ligada à sua memória familiar - o bisavô que foi à guerra, como citado anteriormente¹⁸. Além da questão histórica representativa que Diop traz com o livro, desse retorno à memória da Primeira Guerra Mundial, uma tentativa de ressignificar a trajetória do bisavô e dos diversos soldados senegaleses que não foram prestigiados pelas comemorações do centenário das potências europeias, e cuja memória segue represada.

Diop traz nas entrelinhas do livro a evidência de um passado ainda presente na memória senegalesa, mas represada. Um tempo que ainda não passou ligado à experiência colonial. O retorno ao passado mostra a relação que os senegaleses estabelecem com esse passado da Primeira Guerra Mundial, uma experimentação traumática.

Irmão de alma: o trauma, a manipulação ideológica colonial, a questão senegalesa

A leitura do romance traz uma sensação de estar na mente de Alfa Ndaiye. O narrador, ao descrever seus pensamentos e sensações, permite ao leitor a sensação de adentrar suas memórias e sentir a angústia de Alfa após a morte de Mademba, fato que dá início ao colapso traumático do narrador. Alfa se vê em uma encruzilhada: ou acabar o sofrimento de Mademba ou carregar o peso de ter matado seu “mais que irmão”, infringindo as leis humanas e ancestrais. “Somos mais que irmãos, pois nos escolhemos como irmãos. Por favor, Alfa, não me deixe morrer assim, as tripas expostas, o ventre devorado pela dor que devora” (DIOP, 2018, pp. 25). Com isso, Alfa se vê incapaz de tirar a vida de seu grande amigo, que se encontrava com as entranhas expostas, suplicando pelo fim da dor. A morte de Mademba foi o início da construção traumática e da perturbação mental no narrador. “[...] eu não deveria ter te deixado sofrer como um velho leão solitário, devorado vivo” (DIOP, 2018, p. 9).

A construção da consciência de agonia e as memórias de Alfa em todos os momentos são entrelaçadas por repetições de: “Eu sei, eu entendi, eu não deveria”; “Pela verdade de Deus, eu fui desumano”; “limpara, lubrificara, carregara e

¹⁸Flip+ Embaixada da França: Encontro com David Diop ("Irmão de Alma") e 2º Choix Goncourt du Brésil. Vídeo. 1h48min.08s.Publicado pelo canal Escritório do Livro & BiblioMaison. 4 de dez. de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QEG34ItyGAE&ab_channel=Escrit%C3%B3rioLivro%26BibliMaison. Acesso em: 06/2023

descarregara”. O narrador retoma essas expressões corriqueiramente na maioria das páginas, transparecendo uma sensação de perturbação e neurose em reviver constantemente situações que colocam em xeque seus próprios valores humanos. A questão traumática desse soldado senegalês perpassa diversas particularidades, mas compartilha outras semelhanças em relação ao trauma de seus companheiros de trincheira, os *toubabs*¹⁹ franceses.

Os jovens soldados, antes de irem à guerra, africanos, senegaleses ou europeus, franceses, a veem de forma romantizada. A vontade de ir à guerra, voltar para casa como heróis, com condecorações, pensões e a honra são coisas almejadas por ambos, que observam uma oportunidade de ascender em sua pátria-mãe – no Senegal ou na França. A questão traumática dos soldados que lutaram na Primeira Guerra Mundial, como já mencionado, e também analisada por diversos historiadores.

Contudo, o trauma de guerra presente no romance revisita outros fatores que nortearam a trajetória de soldados africanos. Alfa vai à guerra com a mesma idealização dos brancos, porém depara-se com a manipulação ideológica colonial imposta pelos colonizadores, que inclusive está presente na indução desse nacionalismo nas colônias, que tinham enorme interesse em recrutar jovens africanos como arma de guerra. Além disso, havia a busca por um reconhecimento enquanto cidadão francês ao ir à guerra, já que era a única alternativa de conseguir ascender socialmente.

O desenrolar do trauma em Alfa carrega a culpa, o pânico, a raiva e as paranoias. Estas características estão embaladas pela manipulação ideológica colonial. Esta última se refere à transformação de Alfa em um assassino de guerra e à imposição de uma selvageria que atravessa seus próprios valores, transformando-o em uma máquina mortífera de guerra ao decepar as mãos inimigas. Tal manipulação está presente na criação da imagem de selvageria, o corpo que carrega em si a “força da natureza” vigorosa para apavorar os inimigos alemães.

A França do capitão precisa que banquemos os selvagens quando lhe é conveniente. Precisa que sejamos selvagens, porque os inimigos têm medo dos nossos facões. Eu sei, entendi, não é mais complicado do que isso. A França do capitão precisa da nossa selvageria, e como somos obedientes, eu e os outros, brincamos de selvagens (DIOP, 2018, p. 16).

¹⁹ *Toubab* foi um termo utilizado para se referir aos brancos europeus. O narrador utiliza esse termo no romance para se referir aos franceses.

Com a morte de Mademba, Alfa abraça a personificação da barbárie ao amputar as mãos do “inimigo dos olhos azuis” e as leva à trincheira toda noite. A tentativa de lidar com o trauma da perda de seu grande companheiro é revestida pela busca incessante de Alfa em se tornar a “força da natureza”, que os soldados franceses e o capitão Armond denominavam-no. “Riram de bom grado comigo, riram ao me ver chegar em nossa casa com um rifle e uma mão inimiga” (DIOP, 2018, p. 29). Alfa, a partir da mutilação da quarta mão, encontrou-se em uma linha tênue entre a barbárie e a bravura. “Meus camaradas soldados, brancos ou negros, passaram a me evitar como se evita a morte” (DIOP, 2018, p. 61). Os próprios franceses passam a temer-lo. Alfa tornou-se o símbolo da morte e carregou o peso de ser a explicação para as mazelas que ocorreriam na trincheira.

Alfa intitula-se enquanto belo e forte, e coloca-se em um papel bestial, o mesmo imposto pelo ideal colonial que atravessa a própria percepção de si. “Meu peitoral e meus ombros muito, muito largos, minha cintura e meu abdome firmes, minhas coxas muito musculosas [...]. Porque tenho apenas vinte anos e, como diz o capitão, sou uma força da natureza” (DIOP, 2018, p. 78, 19).

É preciso, portanto, remeter aqui a Joaze²⁰. O autor aponta como herança colonial o olhar de naturalidade à inferiorização de pessoas não brancas, imposta pela violência simbólica ou física, em que africanos e afrodescendentes são naturalmente tidos enquanto selvagens e primitivos. E essa percepção pode atingir os próprios africanos em relação a si.

Com a morte traumática de Mademba, Alfa adquire uma nova percepção de si - inicialmente, a de “selvagem”. Ele tornou-se a própria simbologia do que o capitão o intitulou: “[...] Um louco perigoso, um selvagem sanguinário” (DIOP, 2018, p. 62). O capitão da trincheira, ao mandar Alfa ao sanatório, diz: “No fundo, você entendeu bem o que significa ir à guerra para um chocolate” (DIOP, 2018). “Quando saio do ventre da terra, sou desumano por escolha”. Ao ser afastado para o sanatório da guerra após a sétima mão, ao afastá-lo da trincheira, o capitão Armand descreve o modo de Alfa de fazer guerra “selvagem demais (...) não é lícito” (DIOP, 2018, p. 67).

Arrancar as sete mãos de soldados alemães e colecioná-las é vista como uma selvageria maior que a própria dimensão da guerra pelo capitão francês na trincheira.

²⁰ BERNARDINO-COSTA, Joaze. A prece de Frantz Fanon: **Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!** In Civitas, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 504-521, jul.-set. 2016. Disponível em: [A prece de Frantz Fanon: oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona! | Civitas: revista de Ciências Sociais \(pucrs.br\)](http://www.civitas.org.br/revista-de-Ciencias-Sociais/pucrs.br). Acesso em: 06/23.

Alfa, no sanatório, observa a ambiguidade de ser taxado enquanto insano e à beira da loucura, conforme os franceses, por estar fora do permitido, supostamente, dos parâmetros da guerra – que faz com que os soldados vivam em meio a bombardeios constantes, doenças, solidão, insanidade, bombas de gás tóxico, o cheiro de morte nas trincheiras e os corpos em estado de putrefação no front. Todos esses elementos são vistos como situações menos brutais do que as ações de Alfa.

Ao carregar a culpa de não ter matado seu “mais que irmão” enquanto ainda era tempo, Alfa faz por seus inimigos o que deveria ter feito por Mademba. Trazia sofrimento sem piedade e os matava em seguida para aliviar-lhes da agonia, como sentiu que deveria ter feito com Mademba. “Penso que desta vez serei humano, não esperarei que o meu inimigo do lado de lá suplique três vezes para matá-lo. O que eu não fiz por meu amigo, farei por meu inimigo. Por humanidade” (DIOP, 2018, p. 21). Em outro trecho, ele diz: “Eu recupero o tempo perdido” (DIOP, 2018, 27).

Já que não falava francês, Alfa se comunicava com o doutor no sanatório por meio de desenhos, além de feições, olhares e sorrisos. O segundo desenho de Alfa foi Mademba Diop demonstrando sua inquietação mental com a morte de seu amigo e irmão.

O peso da culpa atormentou seus dias de trincheira e também os de sanatório. Após a morte de Mademba, Alfa passa por uma experimentação da guerra diferente de suas experiências anteriores. É quase como se sua experimentação de guerra, agora, estivesse sob novas lentes que lhe permitiram enxergar novas perspectivas. O ato de colocar a culpa na robustez de seu corpo, pela morte de Mademba, transforma-se na vingança sanguinária. Além de se sentir culpado por não tirar a vida de Mademba, Alfa culpa-se por caçoar do corpo franzino de seu “mais que irmão”.

“Eu sei, eu entendi que não deveria tê-lo incentivado com minhas palavras a me mostrar uma coragem que eu já conhecia [...] toda a minha beleza e a minha força do meu corpo o mataram” (DIOP, 2018, p. 79). Alfa fica imerso em uma idealização da selvageria a ponto de delirar ao achar que a atitude de Mademba em sair da trincheira, no dia de sua morte, foi um ato precipitado em uma tentativa de demonstrar coragem, já que Alfa havia zombado de seu físico mais raquítico. Mademba estaria em busca de um reconhecimento de Alfa, de acordo com o narrador. “Foi por causa da minha boca grande que ele jorrou gritando do ventre da terra para me mostrar o que eu já sabia que ele era corajoso” (DIOP, 2018, p. 41).

Com a morte de Mademba, veio também a solidão, pois o único companheiro que falava seu idioma, seu amigo de infância e de trincheira estava morto, e a carnificina de amputar as mãos trouxe consigo o julgamento de seus companheiros africanos e franceses. “Foi assim que as mãos inimigas, depois da quarta, me trouxeram a solidão. A solidão em meio a sorrisos, piscadela. [...] Pela verdade de Deus, eles não querem atrair o mau-olhado do soldado feiticeiro” (DIOP, 2018, p. 34).

A manipulação ideológica da violência colonial, na construção traumática do personagem de Alfa, tem quatro categorias principais: a vingança traduzida pela decapitação das sete mãos inimigas, o peso da culpa, o inimigo de ambos os lados e a própria violência da guerra, a mesma sentida por soldados brancos.

Esta terceira categoria, o inimigo de ambos os lados, diz respeito às citações dos alemães como “inimigos do lado de lá”. Há um pressuposto de que os inimigos também estão do “lado de cá” - ou seja, os companheiros de trincheira franceses. “Pela verdade de Deus, os inimigos do lado de lá”. Alfa está também rodeado de inimigos do próprio lado, já que luta em nome de uma pátria que lhe é alheia e é uma ameaça constante para a sua pátria-mãe, Senegal.

O narrador está imerso em meio a pensamentos turvos e repetitivos, como “pela verdade de Deus, eu me tornei intocável” e “pela verdade de Deus, fiquei sozinho na guerra” (DIOP, 2018, p 30). Há uma repetição dessas frases ressoando na mente do narrador. A loucura e a solidão encontravam-se com Alfa. “Na noite da morte de Jean Baptiste, logo após meu retorno à nossa trincheira, como uma maba que desliza para seu ninho subterrâneo depois da caça, eles fugiram de mim como se foge da morte” (DIOP, 2018, p. 62). Há uma simbologia de fatalidade que evoca uma dimensão traumática, a concepção dos próprios ratos fugirem de seu corpo.

As ideias impostas pelos colonizadores penetram em Alfa e ele assume pouco a pouco um lado sombrio. “Meu cheiro é de morte. A morte tem o cheiro do lado de dentro do corpo projetado para fora do vaso sagrado. [...] até os ratos têm medo quando me sentem chegar rastejando sob os arames farpados. Eles temem ao ver a morte se mexendo, fogem de mim” (DIOP, 2018, p. 28). Nem mesmo os ratos que se alimentam das carnes humanas nas trincheiras querem chegar perto.

A simbologia de enxergar-se como a própria morte está presente no imaginário do narrador. Os ratos fogem da morte, no caso, dele próprio. “Eu sou a sombra que devora as rochas, as montanhas, as florestas e os rios, a carne das bestas e a dos homens” (DIOP, 2018, 119). O peso da culpa de não atender o último pedido de seu

“mais que irmão” e o ter zombado a vida inteira o torna responsável por tirar a vida de Mademba antes mesmo de ele ser morto pelos alemães ao sair da trincheira. “Eu matei Mademba com minhas palavras” (DIOP, 2018, p. 42).

As imagens da guerra são criadas na narrativa por meio de uma forma textual detalhadamente descritiva, a partir do testemunho do narrador. Ao se referir à trincheira, Alfa traz a representação de um abismo. Descreve-a enquanto “ventre da terra”. Em diversos momentos, é descrita com uma simbologia feminina, “[...] Como o sexo de uma mulher grande e aberta”, ou por vezes como “feridas abertas da terra” (DIOP, 2018, p. 8).

A representação da trincheira traz uma sensação de que está na camada mais profunda do centro da terra, sugerindo um grande tormento e até mesmo um desconforto imaginativo. É uma representação da barbárie da guerra, uma guerra que engole os soldados; o front como um devorador de corpos humanos, o alimento da guerra são as mortes. “Raramente se escapa de um soldado feiticeiro que foi privado por um mês inteiro do seu alimento, de suas, de todas as suas almas, inimigas ou amigas, a serem devoradas no campo de batalha” (DIOP, 2018, p. 44).

A representação violenta da guerra também está circunscrita na perturbação mental. “Caiu brutalmente sobre minha cabeça um meteoro de guerra vindo do céu metálico no dia que Mademba morreu” (DIOP, 2018, p. 8). Um céu metálico que carrega um sentimento de um local fúnebre, uma máquina mortífera de guerra que recai sobre os soldados, um céu refletido por balas. “Nas fendas abertas pelos obuses, cheias de águas sujas e sanguinolentas, incomodando os ratos que saíam dos subterrâneos para se alimentar das carnes humanas”. (DIOP, 2018, p. 9) Em outro ponto ele complementa: “É isso a guerra: é quando Deus se atrasa na música dos homens, quando não consegue desemaranhar, ao mesmo tempo as linhas de tantos destinos” (DIOP, 2018, p. 60).

A sequência dos tiros traz um sentimento de desespero presente no imaginário de Alfa. Há diversas repetições de “[...] A mão que carregara, descarregara, recarregara”. A construção da imagem do front como um espaço em que não há presente, passado e futuro. Todos os dias são repetidamente obedecidos pela sequência de catástrofes e estrondos das armas dos combatentes. Alfa encontra-se em um conflito interno e caótico em seus pensamentos. “Eu sei, eu entendi” (DIOP, 2018, p. 7); “Onde estou? Quem sou eu? Já não sei mais” (DIOP, 2018, p. 111); “Eu juro que ainda não sei quem sou” (DIOP, 2018, p.117); “Este corpo espesso no qual me encontro sem saber quem sou talvez seja o seu” (DIOP, 2018, p. 118).

A demência, a morte de Mademba e os cenários desastrosos da guerra colocam em risco as próprias convicções culturais de Alfa. Os eventos na trincheira atingem também convicções e valores. A dimensão cultural do narrador é modificada pela guerra. “Pensei no meu velho pai e em minha mãe [...] e não soube cortar o arame farpado dos meus sofrimentos” (DIOP, 2018, p. 8); “Foi somente quando Mademba morreu que meu espírito se abriu para me deixar observar o que nele se dissimulava” (DIOP, 2018, p. 99). A guerra afetou mudanças e percepções culturais.

Alfa toma consciência da ideologia colonial em alguns momentos no sanatório. Ao questionar-se sobre o uso de seu corpo enquanto máquina de guerra pelos colonizadores. “O que eu penso é o que querem que eu não pense” (DIOP, 2018, p.16). O narrador percebe a disparidade de seus valores com o que é lhe imposto pelo colonialismo. “Vocês, os chocolates da África Negra, são naturalmente os mais corajosos entre os corajosos. A França é grata e os admira, os jornais só falam de suas façanhas. (...) Eu, Alfa Ndiaye, entendi bem as palavras do capitão” (DIOP, 2018, p. 16). Alfa se dá conta, também, de que apenas o seu pensamento era livre, já que em alguns momentos da narrativa ele repete: “Eu sou livre para pensar o que quiser”.

Alfa se deu conta sobre sua situação de neurose quando foi levado ao sanatório de guerra. “Aqui não há o estrondo das explosões, das metralhadoras, dos pequenos obuses assassinos enviados pelo inimigo do lado de lá” (DIOP, 2018, p. 71). “De agora em diante creio saber quem eu sou” (DIOP, 2018, p. 121). Alfa percebe que está projetando em si o que os *toubabs* pensavam dele ser um selvagem, um devorador de almas. “Portanto, eu não sou um *dëmm*, um devorador de almas. Quem pensa isso são aqueles que têm medo de mim. Também não sou um selvagem” (DIOP, 2018, p. 41). Ele adquire uma dimensão de consciência que vai e volta em determinados momentos. “A espessura do meu corpo, sua força superabundante, apenas podem significar no espírito dos outros, o combate, a luta, a guerra, a violência e a morte. [...] por que a espessura do meu corpo e sua força superabundante não poderiam também significar paz, tranquilidade e serenidade?” (DIOP, 2018, p. 118).

A questão traumática de Alfa modifica seus valores culturais, morais e religiosos pela manipulação ideológica colonial. Alfa vai à guerra deixar de ser um anônimo, para um reconhecimento dele enquanto cidadão, porém no fim adquire um trauma psicológico que o modifica de todas as formas possíveis.

A literatura, as fontes multidisciplinares e a História.

As relações entre História e Literatura trouxeram possibilidades para compreender o modo como uma determinada realidade social é construída e pensada. Como demonstra Sidney Chalhoub²¹, a Literatura é uma maneira de interpretar a própria história por estar posicionada em um tempo espacial e relacionada a um contexto histórico²². Por isso, o texto literário é fundamental para a interpretação do historiador sobre os fatores próprios de uma determinada cultura. O texto fictício, enquanto fonte para a história, revela subjetividades da experiência humana que não podem ser encontradas por meio documentos oficiais, já que apresenta questões sensíveis de memória e das relações sociais de uma época.

Nesse sentido, Chalhoub aponta a história como “uma bela castelã, muito cheia de si” por estar preocupada com a veracidade dos fatos. E o campo literário é não intervencionista e “fareja todas as cousas miúdas e graúdas”. O meio literário e historiográfico segue metodologias próprias e específicas, mas complementam-se. A literatura se apropria da realidade histórica e a história utiliza a produção literária para a compreensão das vivências de sujeitos em um tempo específico. Entender as formas como certas comunidades ou povos lidam com o luto e a questão traumática podem ser encontradas nas diversas manifestações culturais como filmes e romances produzidos. A história cultural pode utilizar desses artifícios para apontar questões pontuais para a historiografia.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 2002, p. 17).

A literatura está intimamente ligada ao sistema de representações. Como colocado por Roger Chartier²³, a narrativa construída por um texto literário ficcional está imersa em uma representação do mundo vivido. O discurso não pode ser dado

²¹ CHALHOUB, Sidney; DE SOUZA NEVES, Margarida; DE MIRANDA PEREIRA, Leonardo Affonso (Ed.). **História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil**. Editora Unicamp, 2005.

²² CHALHOUB, Sidney; DE SOUZA NEVES, Margarida; DE MIRANDA PEREIRA, Leonardo Affonso (Ed.). **História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil**. Editora Unicamp, 2005.

²³ CHARTIER, Roger. **A história cultural – entre prática e representações**. Rio de Janeiro: memória e sociedade, 1990.

como natural. Podemos buscar, através de discursos, a possibilidade de reconstruir os sistemas de representação. A autoria dos textos identifica-se com a expressão subjetiva do indivíduo que o produz. A expressão literária e os discursos existem como resultado de práticas que presumem sistemas de representações. O que está em jogo não é apenas a historicização, mas a introdução da inquietação do leitor com os textos e a identidade deste leitor. A história cultural deve contar com uma abordagem social presente nas formas de representação, nas configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou espaço. Compreender o espaço literário de uma cultura exige considerar as especificidades de cada povo. É nesse sentido que é importante elucidar o papel da literatura para a historiografia das sociedades africanas.

A representação da construção traumática do personagem Alfa Ndiaye, no livro *Irmão de Alma*, traz uma preocupação histórica do trauma dos soldados interligados ao colonialismo. Além disso, os sentimentos e mentalidades de uma memória que permanece relevante aos senegaleses. É possível apreender que o intuito não é a história factual dos eventos, mas sim representar os afetos e os sentimentos que continuam presentes na cultura de um povo. Diop traz a representação de uma memória social senegalesa silenciada, ultrapassando os limites de interpretações e faz cruzamentos com os eventos históricos.

No que concerne à história dos soldados senegaleses, os *tirailleurs sénégalais* ocupam um lugar importante na história senegalesa e africana como um todo. Isso pode ser evidenciado pela resistência desses povos em buscar preservar a memória desses fuzileiros que participaram expressivamente em ambas grandes guerras mundiais. O livro do Diop não é apenas uma representação dos corpos negros na guerra, mas há uma ferida maior em aberta: a questão da manipulação ideológica e a herança do colonialismo.

No Senegal, a memória dos *tirailleurs* é algo presente. Os senegaleses buscam ressignificar a história de seu povo por meio de artifícios artísticos e literários. Isso pode ser evidenciado por produções cinematográficas lançadas no Senegal a fim de narrar as formas como os *tirailleurs sénégalais* eram tratados pelos oficiais.

O filme '*Camp de Thiaroye*', de Ousmane Sembène e Thierno Faty Sow, lançado em 1988, e '*Tirailleurs*', de Mathieu Vadepied, estreou no início de 2023, no mês de janeiro. O primeiro narra um episódio marcante para os fuzileiros senegaleses na Segunda Guerra Mundial: o massacre de *Thiaroye*, em que oficiais franceses respondem aos questionamentos dos soldados sobre as condições precárias, abrindo fogo e matando

centenas de soldados. O segundo filme traz a representação de soldados senegaleses que participam da Primeira Guerra Mundial e enfrentam condições insalubres e o colonialismo. Ambos os filmes expõem o protagonismo desses senegaleses nas guerras, além de mostrar como os *tirailleurs* eram tratados pelos franceses, vivendo em condições precárias, enfrentando o racismo no front, sem receber as pensões que lhes foram prometidas, sem ter suas patentes respeitadas pelos franceses, enfrentando a solidão no front.

Em entrevista concedida ao jornal ‘*La Depeche*’, o historiador Jean-Yves Le Naour aponta que o processo de reconhecimento dos soldados senegaleses continua caminhando depois de mais de 100 anos. Le Naour expõe que o reconhecimento por parte da colônia francesa da infantaria senegalesa ainda é algo recente e ainda há desafios a serem enfrentados pelos direitos dos que continuam vivos. “Depois de 30 anos, volta uma memória cada vez mais forte, enquanto os historiadores não param de estudar esses combatentes”²⁴

No dia 23 de agosto, em Senegal, é reconhecido o ‘*Journée du Tirailleur*’ - em português, ‘*O dia do tirailleurs*’. Mas apenas em 2004 o presidente senegalês Abdoulaye Wad organizou o primeiro dia de comemoração para os artilheiros senegaleses que lutaram na Primeira e na Segunda Guerra Mundial. A motivação derivou do massacre de *Thiaroye* e foi somente em 2012 que o presidente francês François Hollande reconheceu a responsabilidade francesa do massacre de *Thiaroye*²⁵. A permanência da memória sobre os *tirailleurs* senegaleses aparece como objeto de resistência constante.

Observar as experiências humanas no tempo deve ser plural e multidisciplinar. E em relação aos povos africanos, é necessário considerar as sobreposições culturais do imaginário eurocêntrico. Isto posto, é necessário voltar-se ao historiador congolês Valenti Yves Mudimbe (2019), que traz o conceito de “biblioteca colonial” e que, sobre o discurso de poder, diz que essa é uma violência simbólica presente em discursos ocidentalizados sobre o continente africano, conhecimento sobre o outro africano que desconsidera as particularidades dos povos, visões criadas a partir de experiências

²⁴ Lawrence, Benjamim. Infantaria senegalesa: por que demorou tanto o reconhecimento de seus direitos? **ladepeche**, 2023. Disponível em <<https://www.ladepeche.fr/2023/01/05/tirailleurs-senegalais-pourquoi-la-reconnaissance-de-leurs-droits-a-t-elle-ete-si-longue-10903764.php>> Acesso em: 06/2023.

²⁵ Martin MOURRE , **The Thiaroye tirailleurs massacre and its Contemporary Memorial Construction**.2023 Disponível em <<https://ehne.fr/fr/node/21530>>. Acesso em: 07/2023.

científicas por olhares estereotipados que criam um regime de verdade sobre esses povos.

É necessário romper epistemologias para compreender, de fato, questões relativas à memória, por exemplo, à contestação colonial, que pode ressignificar as experiências africanas através do discurso literário, uma abordagem a partir de outras epistemologias questionando as relações de poder imposta por uma historiografia centrada em uma metodologia documental tradicional que não abrange a dimensão da historicidade dos povos.

Inocência Mata²⁶ alega que as literaturas são estratégias para reverter uma dimensão eurocêntrica do conhecimento. O campo literário assume, cada vez mais, um lugar de estudo adequado para responder questões multiculturais. As literaturas como lugar de conhecimento fundam um tipo de saber sobre a experiência histórica. Existe uma produção específica relacionada às literaturas africanas. Especificidades que a literatura pode alcançar, atingindo subjetividades que não são abrangidas por outros conhecimentos hegemônicos. A literatura assume uma dimensão histórica ao operar como mecanismo de interpretação do passado por conseguir contornar a dimensão hegemônica e criar uma narrativa que incorpora a reflexão histórica enquanto também ato político e cultural, conferindo novos sentidos e incorporando uma necessidade da existência de uma reflexão que produz sentido histórico a narrativas esquecidas.

O campo literário, no contexto dos povos africanos, é ainda mais urgente por ser uma forma de ressignificar um passado colonial imerso pelo imaginário eurocêntrico, que cria um regime de verdades errôneas sobre os povos africanos, como exposto por Mudimbe.

Conclusão

Irmão de Alma é de fato uma obra literária que possibilita trazer indagações sobre a trajetória de milhares de soldados *tirailleurs* senegaleses que perderam suas vidas em situações insalubres nas trincheiras da Primeira Grande Guerra em nome da colônia. David Diop constrói a questão traumática que perpassa além da experimentação traumática das trincheiras, uma violência colonial que foi certamente vivenciada por diversos soldados das colônias africanas durante a guerra.

²⁶ MATA, Inocência. **Estudos Pós-Coloniais. Desconstruindo Genealogias Eurocêntricas.** In Civitas, Porto Alegre, vol. 14, n. 1, p. 27-42. 2014.

Portanto, é factível concluir que a literatura, além de outros fatores importantes para a historiografia apontados neste trabalho, promove uma dimensão histórica às sociedades africanas para a construção da memória, da identidade social e individual. Uma vez que ausente das narrativas e documentações oficiais, há uma emergência lógica de construção de uma dimensão de historicidade aos soldados senegaleses. Além de que a memória desses soldados é algo extremamente relevante para a história e cultura dos povos senegaleses.

Sendo assim, nota-se que a literatura traz a possibilidade de revisitar questões às quais a historiografia não tenha conseguido. Um exemplo disso é a memória dos soldados senegaleses que, por razões explícitas, não conseguiram enviar cartas aos seus familiares. Sendo assim, a memória dos mesmos ainda se encontra latente na vida de diversas famílias no ocidente da África que não tiveram mais notícias deles. David Diop, a partir de sua sensibilidade pessoal familiar, ressignifica a trajetória dos fuzileiros senegaleses através da infeliz narrativa dos irmãos de alma, Alfa Ndiaye e Mademba Diop.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Eugénio Costa. **A África-colonial e a I Guerra Mundial: A participação africana no conflito euro-mundial de 1914-1918.** Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). 2014.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. **A prece de Frantz Fanon: Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!** In Civitas, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 504-521, jul.-set. 2016.

BRAGA, Sabrina Costa. **História e arte na elaboração do passado traumático.** Revista de teoria da história. UFG. 2021.

CAMARGO, Raquel. **Traduzindo Irmão de Alma, de David Diop.** Caleidoscópio: literatura e tradução. Universidade de São Paulo. 2022.

CHALHOUB, Sidney; DE SOUZA NEVES, Margarida; DE MIRANDA PEREIRA, Leonardo Affonso (Ed.). **História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil.** PP. 9-19. Editora Unicamp, 2005.

CHARTIER, Roger. **A história cultural – entre prática e representações.** Rio de Janeiro: memória e sociedade, 1990.

CORREIA, Sílvia Adriana Barbosa. **Cem anos de historiografia da Primeira Guerra Mundial: entre história transnacional e política nacional.** Topoi (Rio de Janeiro), v. 15, n. 29, 2014.

DIOP, David. **Irmão de Alma.** Trad. Raquel Camargo. Nós: São Paulo, 2020.

DOWNING, Taylor. **The Crisis of Shell Shock on The Somme, 1916.** Published by Little Brown 2nd edition, 2016.

FREDRIGO, Fabiana de Souza; GOMES, Ivan Lima. **História e Trauma: Linguagens e Usos no passado.** Vitória: Editora Mil fontes, 2020.

LAWRENCE, Benjamim. Infantaria senegalesa: por que demorou tanto o reconhecimento de seus direitos? **ladepeche**, 2023. Disponível em <<https://www.ladepeche.fr/2023/01/05/tirailleurs-senegalais-pourquoi-la-reconnaissance-de-leurs-droits-a-t-elle-ete-si-longue-10903764.php>> Acesso em: 06/2023.

MATA, Inocência. **Estudos Pós-Coloniais. Desconstruindo Genealogias Eurocêntricas.** In Civitas, Porto Alegre, vol. 14, n. 1, p. 27-42, jan.-abr.2014

MUDIMBE, Valentin Yves. **A invenção de África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento.** Mangualde (Portugal), Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013.

SELIGMANN, Márcio Silva. 2008. **Narrar o trauma- A questão dos testemunhos de catástrofes históricas.** Revista: Psic. Clin. Rio de Janeiro, VOL. 20, N.1, p. 65-82,2008.

WINTER, JAY. **Shell-Shock and the Cultural History of the Great War.** Journal of Contemporary History, v. 35, n. 1, p. 11, 2000.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **A Primeira Guerra Mundial e o Declínio da Europa.** Rio de Janeiro: Alta Books Editora, 2014.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Gabrielle Pereira da Conceição, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “Irmão de Alma: a questão traumática de soldados senegaleses que lutaram na Primeira Guerra Mundial na obra de David Diop” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores.

Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Em 14 de julho de 2023

Gabrielle Pereira da Conceição

Assinatura: _____